

O dilema da fome no Brasil: diálogo(s) entre Paulo Freire e Josué de Castro**The hunger dilemma in Brazil: dialogue (s) between Paulo Freire and Josué de Castro**

DOI:10.34117/bjdv6n7-170

Recebimento dos originais:08/06/2020

Aceitação para publicação:08/07/2020

Simone Zientarski Fontana

Graduada em Pedagogia,

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Distrito de Colônia das Almas, SN (interior)

CEP 98.770-000 - Catuipe - RS

E-mail: simonezientarski23@gmail.com

Cênio Back Weyh

Prof. Dr. Em Educação (2005 – UNISINOS)

Estágio Pós-Doutoramento (2019 – UNIJUÍ)

Ddocente do PPG Mestrado Profissional em Ensino Científico e Tecnológico e Curso de Pedagogia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Câmpus de Santo Ângelo – RS

Endereço residencial:Rua Elói Nelson Pedrazza, nº 317 - Bairro COHAB

98.802-320 – Santo Ângelo – RS

E-mail: ceniow@san.uri.br

Maristela Borin Busnello

Dra. em Educação nas Ciências

Docente do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUÍ

Endereço residencial:Rua Luiz Fogliatto, 500. Centro.

CEP: 98700 000 - Ijuí/RS

E-mail: marisb@unijui.edu.br

RESUMO

Em pleno século XXI a questão da fome ainda é um dos problemas sociais mais desafiadores para a sociedade brasileira. Diante da relevância deste dilema na contemporaneidade, se faz pertinente o questionamento: Como os pensamentos de Paulo Freire e Josué de Castro podem contribuir para pensar as questões inerentes ao problema da fome, considerando as análises sociológicas, filosóficas e educacionais que os referidos autores traçam acerca da realidade brasileira? E, ainda, qual é o papel da educação frente a este contexto de desigualdades sociais? Nesta reflexão pretende-se discutir o problema da fome no Brasil à luz das contribuições sociais e educacionais de Paulo Freire e Josué de Castro, bem como debater o papel da educação frente a este problema político-social. O tema da fome está sendo desenvolvido numa pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, exploratório e descritivo, a partir do estudo de obras relevantes dos educadores referidos assim como outros autores, que, a partir de diferentes olhares, contribuem para a discussão da temática, considerando as nuances sociais e peculiaridades históricas deste problema no país. Josué de Castro

dedicou seus estudos ao longo de décadas na perspectiva de compreender as particularidades deste problema em cada região do país, tratando-o enquanto questão política, contrariando a crença de que a fome é algo natural e inevitável. Ao encontro destas ideias, Paulo Freire oferece contribuições relevantes a partir da experiência pessoal com a fome. O autor esclarece a relação histórica de dominação entre opressores e oprimidos, o que ocasiona a marginalização das classes populares, que são excluídas de um dos direitos mais elementares para a sobrevivência e bem-estar, a alimentação. A educação libertadora freireana se apresenta como uma possibilidade de intervenção nesse círculo vicioso alimentado pela alienação e ignorância dos oprimidos. A partir do debate sobre problemas reais e da reflexão sobre os interesses que estão por detrás destes é que se constrói uma sociedade crítica, reflexiva e questionadora. O conhecimento e a indignação são ferramentas fundamentais para engendrar movimentos de luta em favor de um mundo mais justo e igualitário.

Palavras-chave: Paulo Freire, Josué de Castro, Fome no Brasil, Educação.

ABSTRACT

In the 21st century, the issue of hunger is still one of the most challenging social problems for Brazilian society. In view of the relevance of this dilemma in contemporary times, the question becomes pertinent: How the thoughts of Paulo Freire and Josué de Castro can contribute to thinking about the issues inherent to the problem of hunger, considering the sociological, philosophical and educational analyzes that these authors draw about Brazilian reality? And yet, what is the role of education in this context of social inequalities? This reflection aims to discuss the problem of hunger in Brazil in the light of the social and educational contributions of Paulo Freire and Josué de Castro, as well as to debate the role of education in the face of this political-social problem. The theme of hunger is being developed in a bibliographic research of a qualitative, exploratory and descriptive nature, based on the study of relevant works by the educators mentioned as well as other authors, who, from different perspectives, contribute to the discussion of the theme, considering the social nuances and historical peculiarities of this problem in the country. Josué de Castro has dedicated his studies for decades in order to understand the particularities of this problem in each region of the country, treating it as a political issue, contradicting the belief that hunger is something natural and inevitable. Meeting these ideas, Paulo Freire offers relevant contributions from his personal experience with hunger. The author clarifies the historical relationship of domination between oppressors and the oppressed, which causes the marginalization of popular classes, which are excluded from one of the most basic rights for survival and well-being, food. Freirean liberating education presents itself as a possibility for intervention in this vicious circle fueled by the alienation and ignorance of the oppressed. From the debate about real problems and the reflection on the interests behind them, a critical, reflective and questioning society is built. Knowledge and indignation are fundamental tools to generate movements of struggle in favor of a more just and equal world.

Keywords: Paulo Freire, Josué de Castro, Hunger in Brazil. Education.

1 INTRODUÇÃO

A fome, enquanto problema político e social, de caráter coletivo, ainda é uma realidade muito presente na sociedade brasileira, nas mais diversas regiões do país, em pleno século XXI. Josué de Castro, por volta de 1930, intelectual preocupado com as mazelas que assolavam o povo no Brasil, amparado em seus conhecimentos enquanto nutrólogo e professor se ocupou vasta e

profundamente deste tema, abrangendo peculiaridades regionais da fome em todo o território do Brasil.

Tais conhecimentos dialogam com as ideias de Paulo Freire que, por sua vez, traz reflexões significativas de ordem histórica, sociológica e filosófica sobre a miséria das classes empobrecidas no Brasil e na América Latina. A análise profunda da relação entre oprimidos e opressores, representa importantes contribuições para (re)pensar o dilema da fome no atual contexto.

Nesse sentido, a educação enquanto instrumento privilegiado de formação de cidadãos e, por consequência, possível ferramenta de transformação social, ocupa importante papel frente a problemas sociais cruciais e expressivos como a fome. Por isso da urgência e necessidade da discussão acerca das possibilidades e contribuições que o campo educacional pode engendrar neste cenário.

Dessa forma, o trabalho reflexivo que está sendo desenvolvido tem por finalidade discutir o problema da fome no Brasil à luz das contribuições sociais e educacionais de Paulo Freire e Josué de Castro, bem como debater o papel da educação frente a este problema político e social. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e exploratório, a partir do estudo de obras relevantes dos autores pesquisados, assim como outros autores, que, a partir de diferentes olhares, contribuem para a discussão do problema da fome, considerando as nuances sociais e peculiaridades históricas deste problema que desafia a sociedade como um todo, em especial os gestores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O nutrólogo e professor Josué de Castro dedicou grande parte de seu trabalho intelectual a pesquisas relacionada a um tema social relevante: a fome no Brasil. Em seu livro *Geografia da fome – o dilema brasileiro: pão ou aço*, uma de suas obras mais densas e completas, o autor mostra um olhar complexo e profundo do assunto, apresentando e analisando suas peculiaridades em um dos maiores países da América Latina. De acordo com seus estudos, por volta de 1930, cerca de 50 milhões de latino-americanos sofriam de carências alimentares, que os predispunham a muitas doenças (CASTRO, 1948).

O intelectual destaca que, longe do imaginário social de que a fome apenas está presente no continente africano ou asiático, ou mesmo em países tomados por guerras ou expressivas crises econômicas, a mesma é disseminada por todas as partes do Brasil e se configura em um problema de grande escala e relevância no contexto atual. Para Abrão (2009, p. 23),

Castro apresenta a fome coletiva como um fenômeno social generalizado, geograficamente universal, distribuído por todos os continentes do planeta, atingindo inclusive o nosso que

já fora chamado de a terra da abundância para onde milhões de europeus migraram para fugir da pobreza.

Diante destas afirmações, é importante destacar que a fome priva o cidadão de um de seus direitos mais básicos: a alimentação, reconhecido na Constituição da República Federativa do Brasil, junto a outras demandas essenciais para a sobrevivência do homem em sociedade. Em seu artigo 7º, inciso IV, o documento afirma:

São direito dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: Salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim. (1988, p.18).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos também considera a relevância desta condição no bem-estar dos cidadãos, evidenciado no artigo XXV, no qual a alimentação é considerada um elemento de suma importância: “todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação. (1948, s/ p) ”.

Maria Cristina Faber Boog reitera o aspecto social da alimentação na vida do ser humano, ressaltando que, muito além da necessidade biológica de se alimentar, este ato se constitui uma prática social. A pesquisadora assevera que os grupos humanos se organizam diante dessa necessidade em busca de atendê-la.

A alimentação é uma atividade central da vida, que define a nossa forma de viver, de morar e de organizar a sociedade. As cidades são formadas às margens de rios, porque eles proporcionam condições de suprir a necessidade de água e de alimentos. O dia divide-se em turnos porque, no meio dele, precisamos parar as atividades para comer (BOOG, 2008, p.19).

Para Castro, o dilema da fome é um problema político e, portanto, não é um fenômeno natural e inevitável, como concebido pelo senso comum até então. Para amparar esta afirmação, o autor destaca que ao considerar a ampla extensão territorial do Brasil, seria geograficamente possível produzir alimento para toda população, sem que nenhuma pessoa passasse qualquer necessidade dessa natureza.

A partir de conhecimentos sobre saúde, geografia, história, política e sociologia, Castro analisa as condições que influenciam na alimentação do povo brasileiro. Nesse viés, o nutrólogo se utilizou de divisões geográficas para realizar as pesquisas, mapeando os tipos e intensidade da fome no território brasileiro. Seus estudos se basearam na afirmação de que, a enorme extensão territorial, diferentes tipos de solo e clima e a diversidade étnica e paisagista impedem uma uniformidade na

alimentação de todos os brasileiros e, por isso, “o país está longe de constituir uma só área geográfica alimentar”. (1948, p. 38).

Nessa perspectiva, Castro faz uma divisão clara das áreas de fome no Brasil: Área amazônica, Área do Nordeste açucareiro, Área do sertão do Nordeste, e Áreas de subnutrição: centro e sul. Sendo assim, o intelectual estudou as cultivares existentes nas diferentes regiões do país e a época de sua produção, bem como as demais variantes que condicionam a alimentação dos cidadãos, relacionando estes fatores com os índices de fome e doenças em cada uma delas. Dessa forma, se justificam, por exemplo, as diferenças entre a fome na área Amazônica e no centro do país.

Neste contexto a pesquisa do autor traz contribuições significativas da área da nutrição para explicar a diversidade de deficiências e de potencialidades na alimentação dos habitantes de cada região. Ao descrever a situação da Área Amazônica Castro fez as considerações que seguem:

Por conta do déficit em ferro apresenta-se na região um tipo característico de anemia, que durante muito tempo foi atribuído à ação direta do clima. (...) A alimentação nas várias áreas tropicais é que não subscreve, em geral, uma taxa de ferro adequada às necessidades normais do organismo. Sem carne, sem ovos, em certos vegetais como espinafre, boa fonte do mesmo mineral, a alimentação desta área está longe de possuir os 15 miligramas de ferro que são exigidos diariamente para a formação da hemoglobina que o organismo requer para seus gastos. (CASTRO, 1948, p. 64).

Os ideais de Josué de Castro estão muito próximos da práxis freireana, na medida que Paulo Freire desenvolveu ao longo de sua vida, estudos e reflexões que dão conta da miséria que assola historicamente os povos marginalizados, que sofreram/sofrem o descaso das classes dominantes que detém o poder político e econômico, utilizando-o em seu próprio benefício. Este mecanismo impede a reversão do quadro da fome no Brasil, uma vez que, utilizando-se de seu poderio, as classes privilegiadas dispõem de diversos instrumentos para manter e legitimar-se no poder.

Considerando a complexidade desse problema, Freire faz menção à geografia da fome em algumas de suas obras mais importantes. Nesta fase inicial dos estudos, podem ser destacadas *Política e Educação* (2001b) como também *Cartas a Cristina* (2012). O educador, defensor da emancipação humana e da necessidade de ser mais, a partir da libertação dos oprimidos em um mundo dominado por um sistema de exclusão das pessoas mais pobres e carentes, relata sua vivência de miséria, afirmando que vivenciou a fome.

Fome real, concreta sem data marcada para partir, mesmo que não tão rigorosa e agressiva como outras fomes que conheci [...] Fome que, se não amenizada, como foi a nossa, vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos [...] Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia da fome? (FREIRE, 2003, p. 42).

As palavras do autor descrevem a severidade deste mal, que apenas pode ser sentido efetivamente por quem o vive e, se torna ainda mais violento quando atinge pessoas em formação, tanto biológica quanto cognitiva. Um mal que compromete as diversas dimensões da vida humana acomete milhares de pessoas do mundo e, especialmente, no Brasil. Apesar da gravidade, o assunto não é exposto com profundidade e com a importância que merece nos meios de comunicação e parece não existir em um país com tantas riquezas naturais, atrações culturais e problemas de outras ordens.

Em defesa dos direitos e necessidades do povo, tratando a fome como um problema real e diante da necessidade de discutir o tema, Freire mostra sua indignação frente à situação de grande parte da população do país, denunciando o processo de alienação imposto a tantas pessoas.

Minha radicalidade me exige absoluta lealdade ao homem e à mulher. Uma economia incapaz de programar-se em função das necessidades humanas, que convive indiferente com a fome de milhões a quem tudo é negado, não merece meu respeito de educador nem, sobretudo, meu respeito de gente. E não me digam que ‘as coisas são assim por que não podem ser diferentes’. Não podem ser de outra maneira porque, se o fossem, feririam os interesses dos poderosos: este não pode ser, porém, o determinante da essência da prática econômica. Não posso tornar-me fatalista para satisfazer os interesses dos poderosos. Nem inventar uma explicação ‘científica’ para encobrir uma mentira. (FREIRE, 2001a, p. 22-23).

Boog (2008, p.33) complementa esta ideia afirmando que “por ser um problema de natureza social, a sua erradicação depende fundamentalmente da melhora das condições sociais”. Para que as pessoas possam se alimentar com garantida quantidade e qualidade, necessitam de poder aquisitivo para tanto e isso depende da gestão e prioridades do ente público (Estado), que pode tratar com indiferença ou investir significativa e efetivamente na superação dessas dificuldades, a favor de quem mais precisa.

Por isso, Freire foi um constante crítico do sistema econômico vigente no Brasil, que, enquanto engrandece cada vez mais os privilegiados, subtrai, pouco a pouco, as posses e a capacidade de *vivência* e sobrevivência dos mais pobres. Em nome do princípio de livre concorrência e do Estado mínimo, o capitalismo exclui os oprimidos do sistema econômico e muitos deles passam a sofrer dia-a-dia as mazelas da fome. O Patrono da Educação Brasileira assevera que, “para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do *ter menos* ou do *nada ter* dos oprimidos”. (FREIRE, 1987, p.25).

Em um processo de alienação cotidiano e contínuo promovida pela classe dominante, que dissemina um discurso de naturalização das desigualdades e injustiças sociais, os oprimidos são impelidos de tomar consciência da necessidade de transformação. Em suma, o interesse dos

opressores é fazer com que os oprimidos se convençam de que a miséria, a dor, a fome, a ignorância, a enfermidade crônica são obra do destino, por tanto, inevitável e imutável. Nas palavras de Freire (2001b, p.45): “que o mundo é assim mesmo; que uns trabalham mais, com competência, por isso têm mais e que é preciso ser pacientes pois um dia as coisas mudam”. A “paciência” dos oprimidos é importante para a classe dominante, uma vez que, apenas “esperando as coisas mudarem”, os sujeitos acabam por não agir, não criticar, não lutar por mudanças, e, portanto, não interferem no sistema de privilégios da classe dominante, contribuindo para sua manutenção ao longo de séculos.

A luta contra o sistema capitalista excludente também é impedida pela fome, que, se efetiva enquanto instrumento de acomodação. Como elucida Castro, este mal não compromete apenas o aspecto físico do sujeito, mas atua sobre fatores que limitam o pensar e o agir.

Não é somente agindo sobre o corpo dos flagelados, roendo-lhes as vísceras e abrindo chagas e buracos na sua pele, que a fome aniquila a vida do sertanejo, mas também atuando sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social. Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana como a fome quando alcança os limites da verdadeira inanição. (CASTRO,1948, p.261).

Diante destas considerações, é possível afirmar que a fome se torna um instrumento de controle e silenciamento dos oprimidos. Nesse sentido, cabe o questionamento: Qual é o papel da educação neste cenário, na condição de formadora de cidadãos e instituição comprometida (embora muitas vezes apenas no discurso) com a transformação social?

Longe de prescrições prontas e acabadas, um dos motes que podem auxiliar na reflexão desta questão, está na possibilidade de que as pessoas reflitam e que possam problematizar sua condição, na direção de que ela pode ser revertida. Isto pode ser efetivado a partir de um processo de tomada de consciência que alimentação é direito a ser vivenciado e exigido.

Estas colocações apontam para a Educação Libertadora, defendida por Freire. Este tipo de educação tem como compromisso a “desocultação da verdade”. (FREIRE, 2001b, p.45). Nesta perspectiva a educação deve ter por objetivo promover a discussão do que está oculto na sociedade brasileira, e que impede a libertação dos oprimidos do sistema excludente, desigual, individualista e competitivo que impera no Brasil. No entanto, esta tarefa se apresenta desafiadora de acordo com Freire (2001b, p.48), ao destacar as dificuldades para o enfrentamento e superação da situação no país: “evidentemente, numa sociedade de classes como a nossa, é muito mais difícil trabalhar em favor da desocultação, que é um nadar contra a correnteza, do que trabalhar ocultando, que é um nadar a favor da correnteza. É difícil, mas possível”.

Um movimento educativo libertador suscita uma visão crítica do mundo, um estar comprometido com os interesses, necessidades e anseios das classes populares para romper com a alienação histórica vivida pelos oprimidos. Tendo por base a afirmação freireana de que “o mundo, é a simples travessia em que o fundamental é a luta” (FREIRE, 2001b, p.52), a educação libertadora é imperativa, pois trabalha em prol da emancipação do povo para que este possa denunciar as amarras e acreditar que *um outro mundo é possível*.

3 RESULTADOS ALCANÇADOS

A partir das ideias levantadas neste trabalho foi possível reconhecer a relevância dos estudos de Castro e Freire que contribuem significativamente no entendimento de questões inerentes ao problema da fome coletiva no Brasil. Os intelectuais em questão apontam para nuances políticas, históricas e sociais que envolvem o tema, que faz parte da realidade brasileira ao longo de muitas décadas.

Os escritos dos estudiosos em questão se mostram ainda bastante contemporâneos, embora tenham sido desenvolvidos há muitos anos pois tratam de um dilema histórico enraizado na sociedade brasileira: a relação entre oprimidos e opressores. Enquanto a elite política, econômica e social acumula cada vez mais privilégios e trabalha apenas em prol de seus interesses, as classes empobrecidas acabam excluídas do exercício de seus próprios direitos. Na medida em que esta estrutura obsoleta persistir, os graves problemas sociais enfrentados por milhares de brasileiros continuarão sendo prioridades da elite política, apenas no discurso e não na ação.

Um dos motes que podem auxiliar na reflexão de um processo de mudança, está na possibilidade de que as pessoas reflitam e que possam problematizar sua condição, na direção de que ela pode ser revertida. Isto pode ser efetivado a partir de um processo de tomada de consciência que alimentação é direito a ser vivenciado e exigido.

A educação libertadora defendida por Freire se apresenta como uma possibilidade de intervenção nesse círculo vicioso alimentado pela alienação e ignorância dos oprimidos. A partir do debate sobre problemas reais e da reflexão sobre os interesses que estão por detrás dos mesmos é que se constrói uma sociedade crítica, reflexiva e questionadora, que, utilizando por ferramentas o conhecimento e a indignação, poderá engendrar movimentos de luta em favor de um mundo mais justo e igualitário, através de políticas públicas eficientes e que deem conta das demandas reais da maior parte da população do Brasil e do mundo.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Luciano Rogério do Espírito Santo. **O espectro da fome**: se metade da humanidade não dorme, é por medo da outra metade que não come. Disponível em:

<<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1690/1623>>. Acesso em: 23 out. 2018.

BOOG, Maria Cristina Faber. **O professor e a alimentação escolar**: Ensinando a amar a terra e o que a terra produz. São Paulo: Komed, 2008.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>.

Acesso em: 28 out. 2018.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**- o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1948.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez.1948. Disponível em: <

https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf

>. Acesso em: 28 out.2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 2001a.

_____. **Política e Educação**. 5.Ed. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.